

Indústria cresce 4%, diz Ikeda

por Cláudia Safatle
de Brasília

Se o produto industrial crescer 4% este ano, será uma performance "bastante razoável". A previsão foi feita pelo assessor especial para assuntos econômicos da Sepplan, Akihiro Ikeda, que condicionou um percentual melhor ou pior à capacidade dos industriais de colocarem seus produtos no mercado internacional. Ainda ontem, falando a 15 empresários da construção civil, o ministro do Planejamento, Delfim Netto, também forneceu alguns indicadores do crescimento da economia: a indústria de transformação deverá crescer 5,3% e o produto agrícola, cerca de 10%.

Tanto o ministro quanto seu assessor continuam trabalhando com um Produto Interno Bruto (PIB) da ordem de 5%. Ikeda calcula um acréscimo de 7 a 8% do produto agrícola (inclusive pecuária) e cerca de 5% para o setor de serviços. Os primeiros estudos elaborados pelo Instituto de Planejamento Econômico e Social (Iplan/Ipea), da Sepplan, mencionavam a perspectiva de um crescimento de 5,5% para o produto industrial. Agora, o governo trabalha com cifras menores, embora Ikeda tenha uma explicação para os descrecimentos sucessivos que esse indicador sofreu nos três meses do ano: "A retração do primeiro trimestre decorreu em função dos ajustes nos estoques, em face da alta das taxas de juros". Daqui para a frente, seguindo o raciocínio de Ikeda, seria lícito esperar uma certa normalização no ritmo de atividade de alguns setores, como o de bens de consumo duráveis, "já que os estoques estão bem baixos". Mas qualquer perspectiva de retomada do



Akihiro Ikeda

crescimento, como ele tornou a sublinhar, "depende, fundamentalmente, das exportações".

Nesse aspecto, ele fez menção específica ao caso da indústria automobilística. A Volkswagen e a Ford estariam revendo seus planos de exportação para este e para o próximo ano, com um aumento substancial e "sem a intervenção do Estado". Não citou cifras.

PREÇO PARA LIQUIDAR

Por outro lado, se há dificuldades de colocação de produtos industriais no mercado interno, a culpa não seria apenas da retração da demanda. Ikeda diz que "há dificuldades para vender aos níveis de preços vigentes", e acrescenta: "Sempre há um preço para liquidar todo o estoque".

Outro indicador utilizado para medir a expansão industrial — o consumo de aço no País — também confirma as previsões do governo. A Sepplan utiliza o fator 1 para relacionar esse termômetro clássico ao PIB, ou seja, se o consumo de aço crescer 4%, como estima a Siderbrás, o PIB também aumentaria na mesma proporção.

Reducir em quatro pontos percentuais o crescimento

industrial em relação ao comportamento do ano passado representará um custo social "difícil de prever e evitar", segundo palavras de Ikeda. Este custo poderá ser maior ainda se se considerar a previsão de fontes do Ipea: 3% de expansão industrial.

"No momento, tivemos de fazer uma opção", argumenta o assessor da Sepplan. "A longo prazo, é lógico que terá de crescer mais", diz ele, apontando a taxa de crescimento da economia como o único fator gerador de emprego.

SALÁRIO E EMPREGO

Ele acha que um aumento acumulado de 3,48 na taxa de emprego nos últimos doze meses, até fevereiro, "é bom, ainda". Quanto aos 923.808 desempregados até março, segundo dados do IBGE, ele faz uma consideração. "Tudo é um conceito relativo. Isso é desempregado ao nível do salário que deseja o trabalhador." Ou seja, se o trabalhador aceitar redução da sua faixa salarial, ele encontrará emprego.

"No curto prazo, a inflexibilidade da política salarial poderá elevar o desemprego no País", diz ele, arrematando que essa é uma questão que "a sociedade vai escolher". Também uma importante fonte da Sepplan se utiliza desse argumento para justificar a taxa de demissões, concluindo que, se a situação se agravar, "talvez haja um consenso para mudar a lei salarial, tornando-a mais flexível".

Apesar desses percalços, os empresários da construção civil saíram de uma reunião de mais de duas horas com Delfim Netto com a impressão de que o ministro "está bem mais otimista que nas ocasiões anteriores". Segundo relato do presidente da Mendes Júnior, Delfim "garantiu que manterá firmemente a política econômica adotada", que trará resultados bastante benéficos à inflação e ao balanço de pagamentos nos próximos 3 ou 4 anos.